

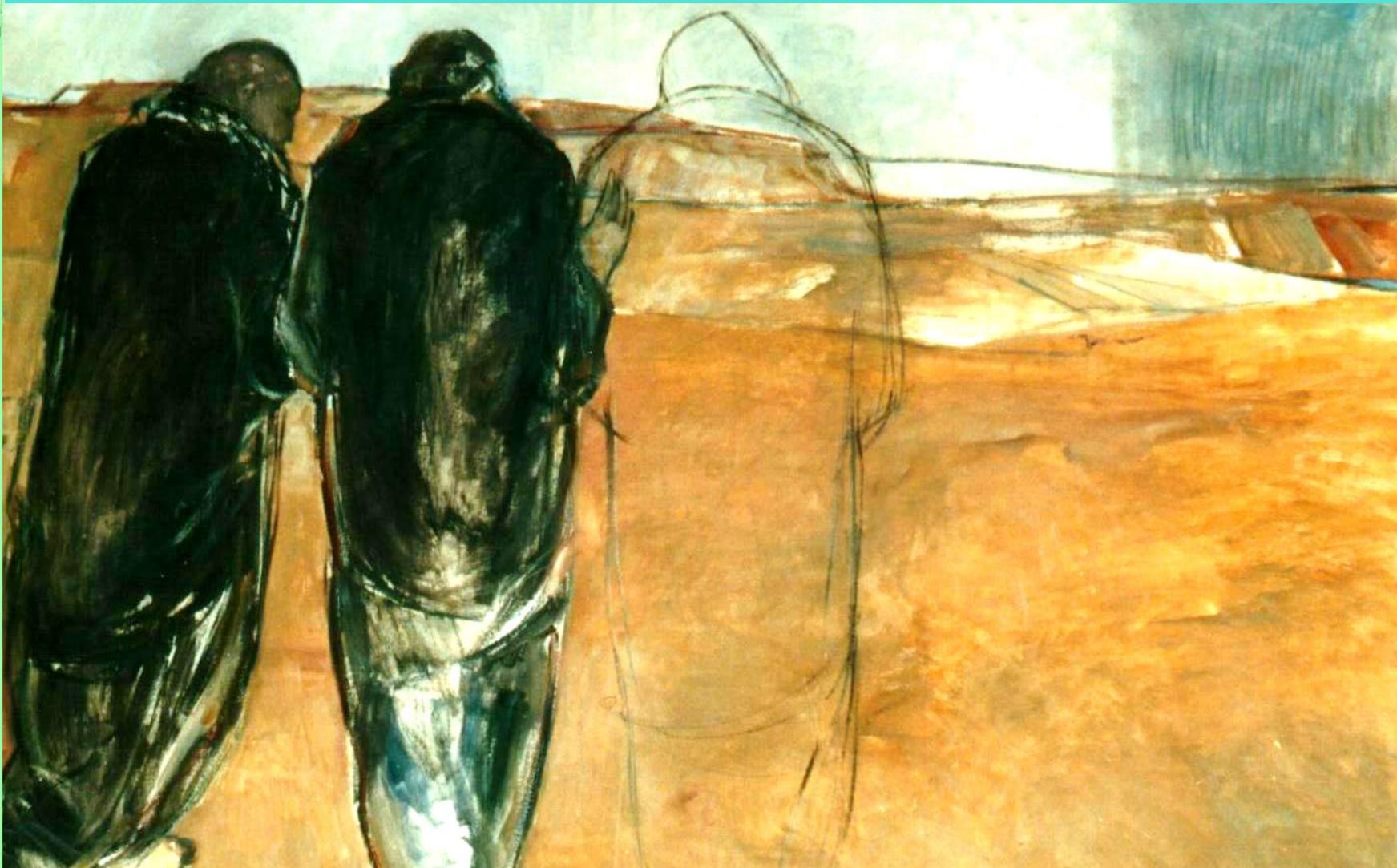
OS DISCÍPULOS DE EMAÚS: Um modelo para os círculos bíblicos



Prof. Fernando Paixão
Escola de Pastoral Catequética - ESPAC

*OS DISCÍPULOS e a
cultura do silêncio
24,13-14.16-17*

Duas pessoas caminham numa estrada. Vêm de Jerusalém, seguem para EMAÚS, uma pequena aldeia na qual moram.



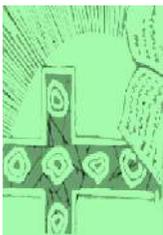
Parecem ser um casal. O homem se chama Cléopas (v. 18). A outra pessoa não tem nome. Também não fala. Ela pode ser Maria, mulher de Cleopas – Jo 19,25.

No caminho eles conversavam sobre os acontecimentos que vivenciaram. Condenação e crucificação de Jesus de Nazaré, além do boato espalhado pelas mulheres de que ele teria ressuscitado.



O próprio Jesus se aproxima do casal e caminha com ambos um pedaço de estrada.

Escuta o que dizem sem interromper. Mas nem Cléopas nem Maria conseguem reconhecê-lo. Seus olhos estão como que impedidos.



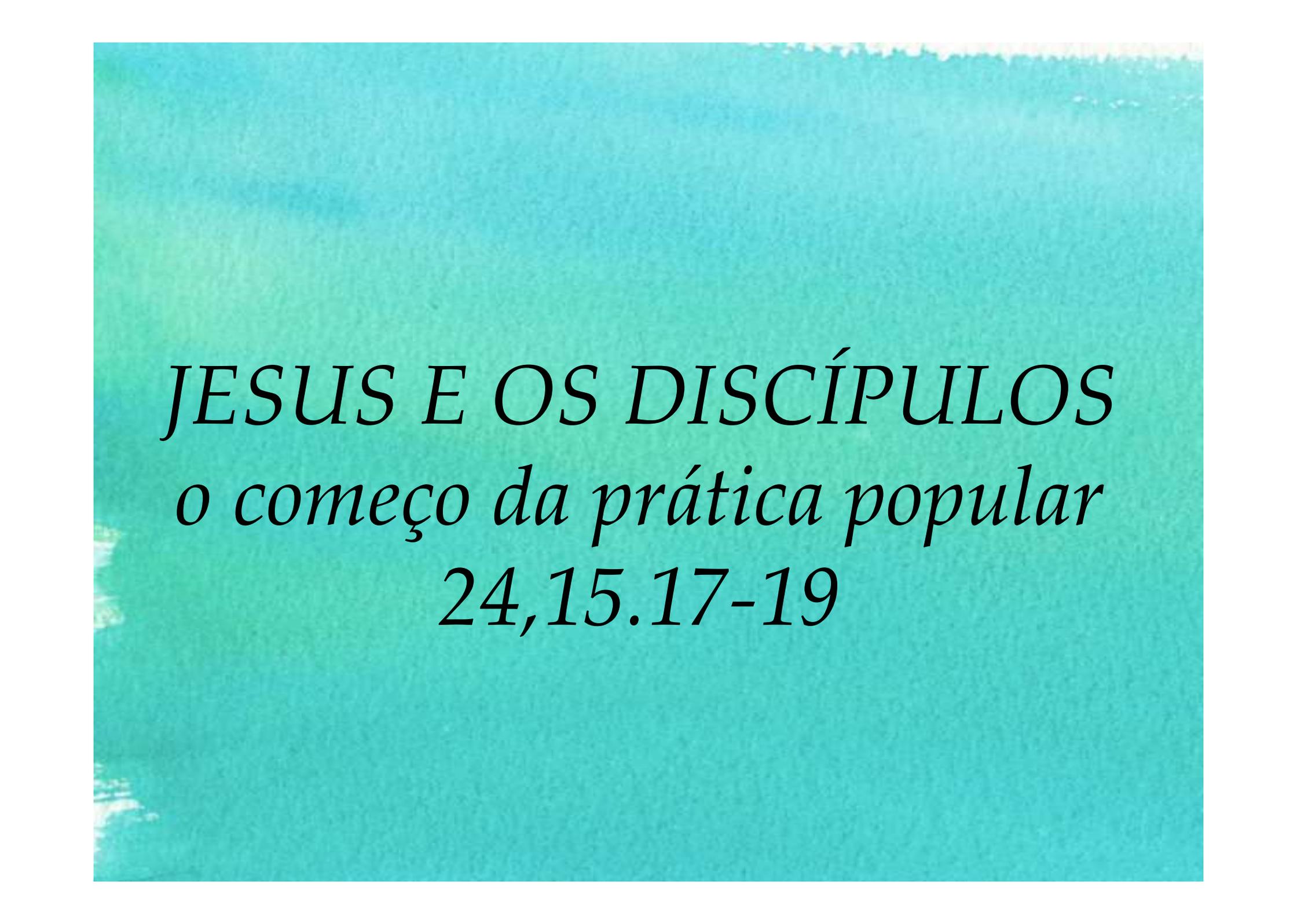
Jesus pergunta então o que é que os preocupa. Quer saber de que assunto estão falando. E eles param entristecidos.

A RAZÃO DA TRISTEZA É A CRUZ. É por causa dela que saíram de Jerusalém.



O mestre estava morto. Seus seguidores corriam o risco de ter o mesmo destino. O SONHO ACABARA.

Morte, medo e ausência de esperança são a razão de sua tristeza. Essas coisas juntas pesam tanto que eles não conseguem ver. Não vêem Jesus a seu lado, não veem perspectivas para o futuro. A CRUZ FOI DOÍDA DEMAIS.



JESUS E OS DISCÍPULOS
o começo da prática popular
24,15.17-19

Jesus aproxima-se deles e caminha com eles um bom pedaço daquela estrada.



POR UM BOM TEMPO PARECE
NÃO FAZER OUTRA COISA,
ALÉM DE ESCUTAR.

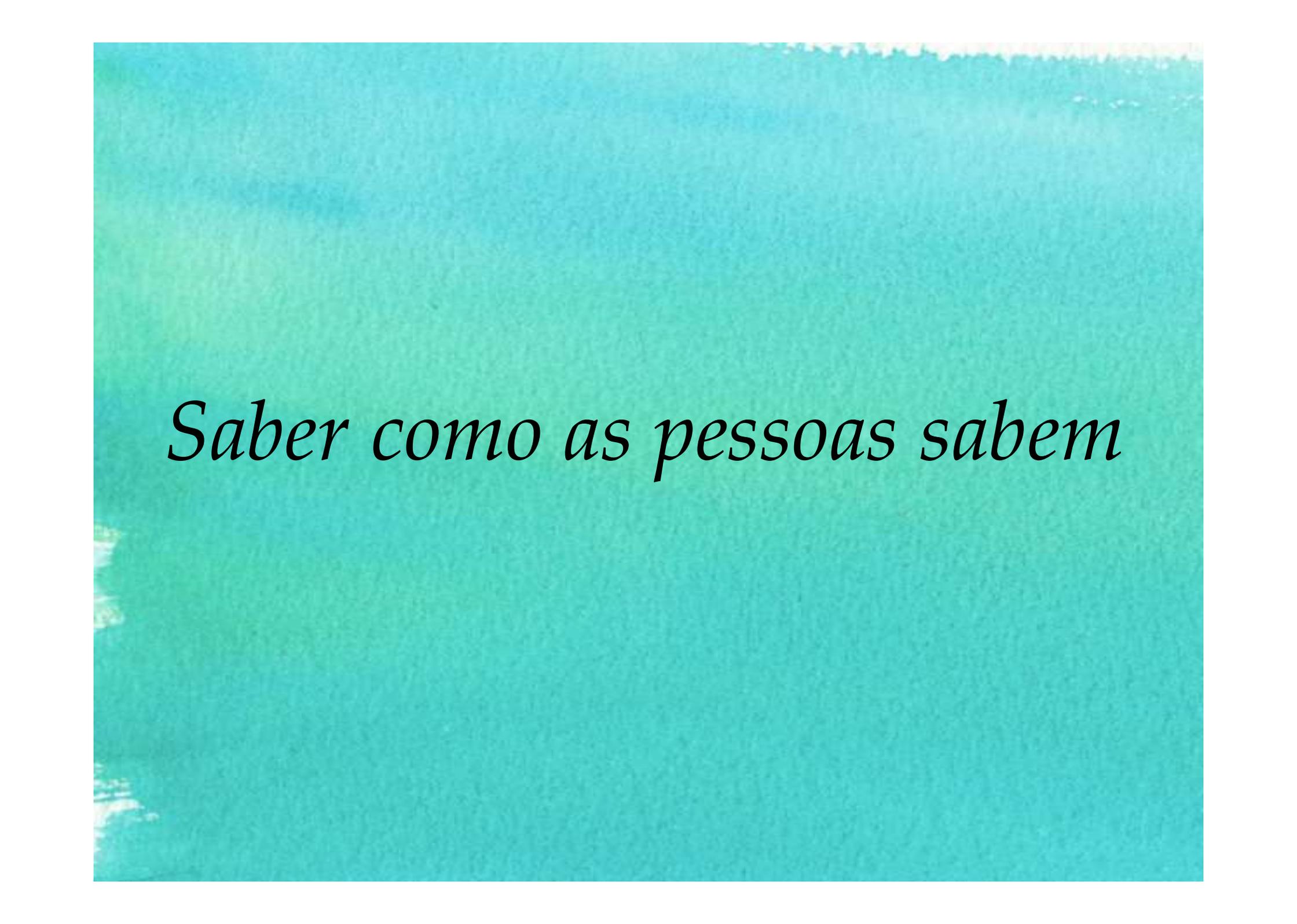
É apenas depois desta escuta silenciosa e demorada que ele pergunta.

“Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?”

A pergunta é respondida com outra: “És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?”



O interessante é que Jesus, na verdade, sabe do que se trata, mas mesmo assim pergunta. Não se dá por vencido com a resposta em forma de contrapergunta.



Saber como as pessoas sabem

Parece ser aí que reside a sabedoria de Jesus. Não é que não sabia do acontecido. Sabe-o mas de sua experiência. Não sabe como aquelas outras pessoas o experimentaram.



Pessoas distintas hão de ver de modo diverso o mesmo fato, o mesmo acontecimento.

E é preciso saber, num processo de diálogo, o saber dos outros. É **PRECISO CONHECER O MODO DE VER A REALIDADE QUE TEM MEUS INTERLOCUTORES.**



Por isso a pergunta: “Quais?” serviu para Jesus saber **como** sabem. E a pergunta desencadeia uma longa resposta, carregada de detalhes sobre como os discípulos compreendem os acontecimentos que vivenciaram.

ESTÁ AÍ O COMEÇO DA PRÁTICA POPULAR:



- ✓ O APROXIMAR-SE
- ✓ O CAMINHAR JUNTO UM BOM PEDAÇO DE CAMINHO
- ✓ A ESCUTA ATENTA, ANTES E DEPOIS DE PERGUNTAR
- ✓ A PRÓPRIA PERGUNTA QUE BUSCA CONHECER O SABER ALHEIO

TUDO ISSO VAI ESTABELECENDO:

- ✓ UM CLIMA DE CONFIANÇA;
- ✓ UM COLOCAR-SE EM PÉ DE IGUALDADE;
- ✓ UM FALAR COM, E NÃO APENAS UM FALAR A ALGUÉM;
- ✓ NADA COMEÇA COM ENSINAR, TUDO COMEÇA COM APRENDER.



Jesus não vem ao encontro dos discípulos para explicar nada. Vem para conhecer em que pé se encontram. Vem para saber porque seus olhos estão impedidos de ver.

O SABER DOS DISCÍPULOS
Sua análise da realidade
Lc 24, 19b-24

São os discípulos quem mais falam em toda a história. **O mestre quase só escuta.** Já escutava antes, em meio à caminhada. E escuta agora o relato evocado por sua pergunta.



É certo, depois irá falar (vv 25-27). Mas o texto não dá a fala de Jesus tanta ênfase quanto à dos discípulos.

É como se, quem conta a história, quisesse ressaltar exatamente o saber dos discípulos.

Sim, os discípulos sabem. Os alunos tem um saber.

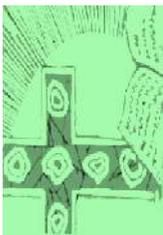
Não são cabeças ocas que precisam ser preenchidas de conhecimentos

Gente humilde faz análise da realidade. Esta é a surpreendente verdade da história de Emaús.



E é esta a surpreendente verdade do nosso dia-a-dia. As pessoas simples não são ignorantes, como aprendemos a pensar. Sabem e sabem muito.

É apenas preciso que se dê a elas a oportunidade de dizer a sua própria palavra. E já o seu saber flui.



E agora, sim...

- ✓ porque expuseram sua maneira de entender os fatos,
- ✓ porque fizeram sua análise da realidade,
- ✓ porque mostraram através da sua fala, onde estão as raízes de seu desânimo, de seu medo, de sua falta de esperança...

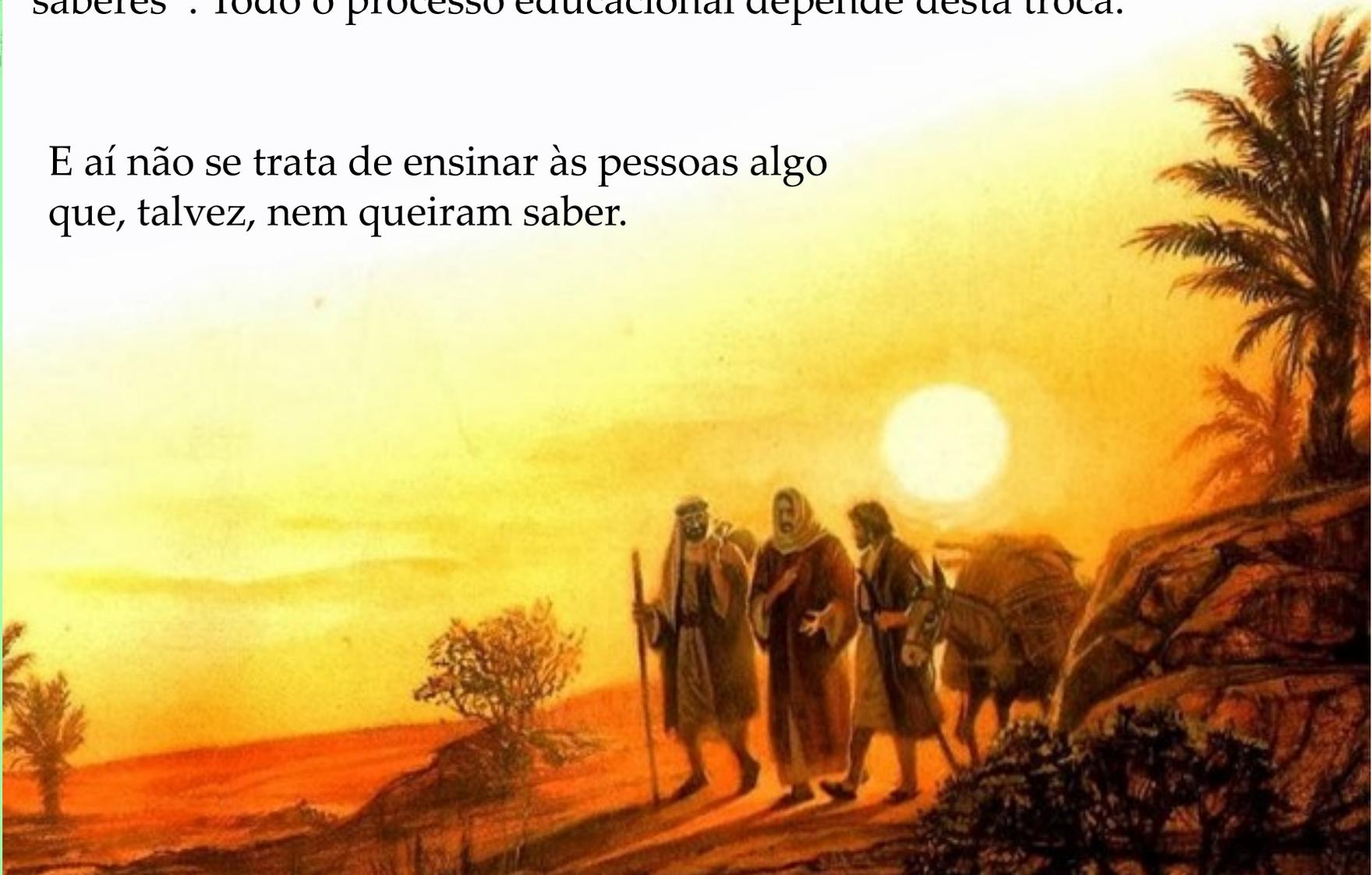
... agora sim, seu interlocutor, Jesus, pode pensar em ajudá-los



Agora pode partir de onde estão, em direção a um novo futuro. Agora pode trabalhar a questão da ideologia e do medo.

A questão do saber popular evoca o tema da “troca de saberes”. Todo o processo educacional depende desta troca.

E aí não se trata de ensinar às pessoas algo que, talvez, nem queiram saber.



Para falar **com** alguém é fundamental conhecer o que este alguém pensa, o que este alguém experimenta em seu dia-a-dia, seu trabalho, seu lazer, sua maneira de encarar a vida e o mundo.



Não é possível COMUNICAR em uma via só. Comunicação exige reciprocidade, exige mão-dupla. E isso vale fundamentalmente para pessoas que trabalham a Palavra de Deus com o povo.



Não adianta tentar aproximar a realidade da Bíblia às pessoas,¹⁸ sem conhecer a realidade das próprias pessoas com quem falo.

An aerial photograph of a vast, flat green field, likely a pasture or agricultural land. A thin line of trees is visible on the horizon. The text is overlaid on the center of the image.

*A história do pastor e do
caboclo*

Dar a comida certa e na proporção correta, eis aí um dos segredos fundamentais da prática popular.



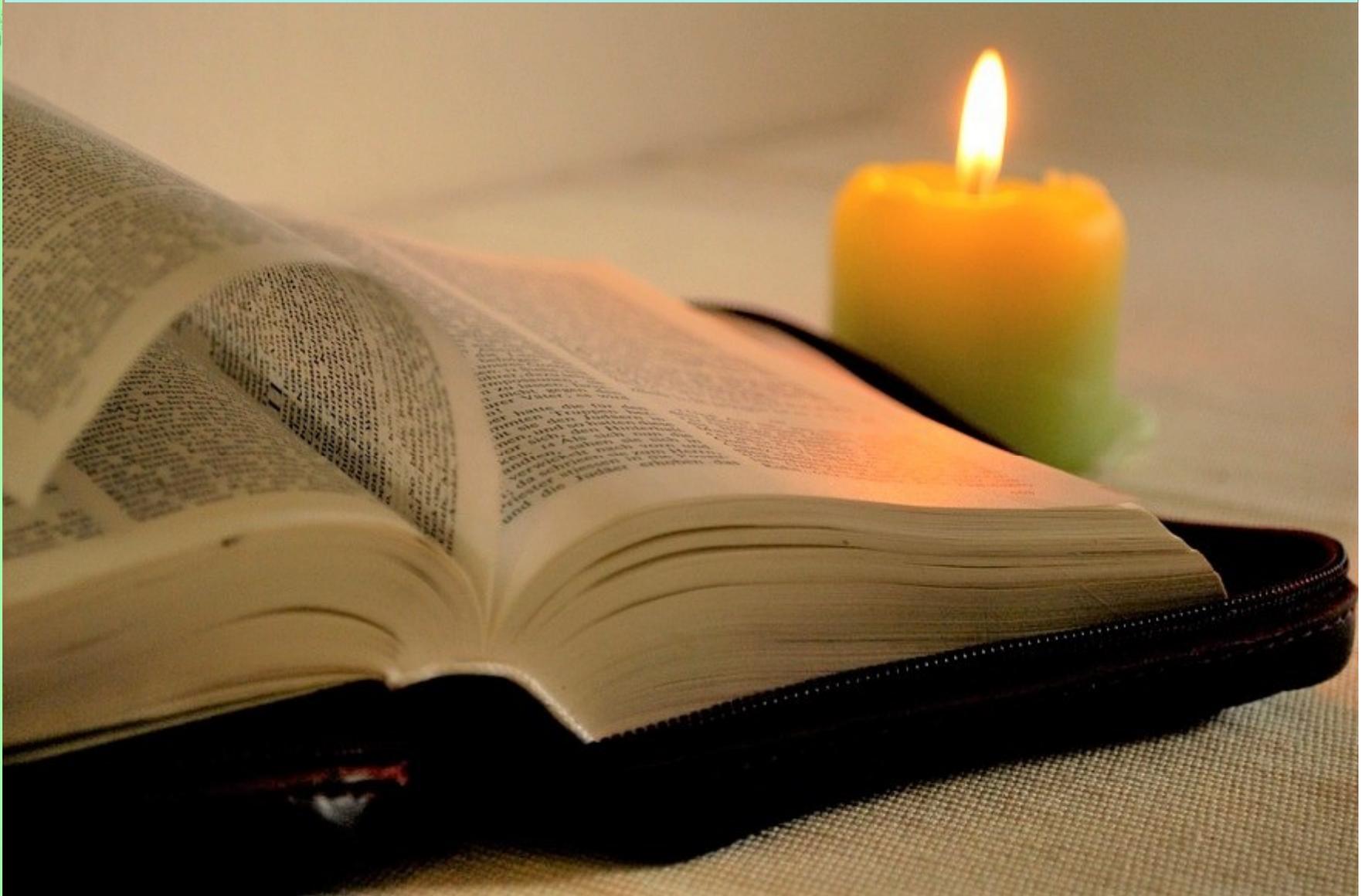
E isso só é possível quando aprendemos a saber em que situação se encontram nossos interlocutores e como eles mesmos a interpretam



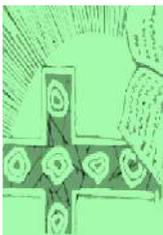
O PAPEL DA BÍBLIA
O momento certo
Lc 24,25-27

Estamos no momento central do texto. É a hora da virada. Até aqui falaram os discípulos. Jesus os escutou atentamente. Agora chega a sua vez de falar.

Círculos Bíblicos

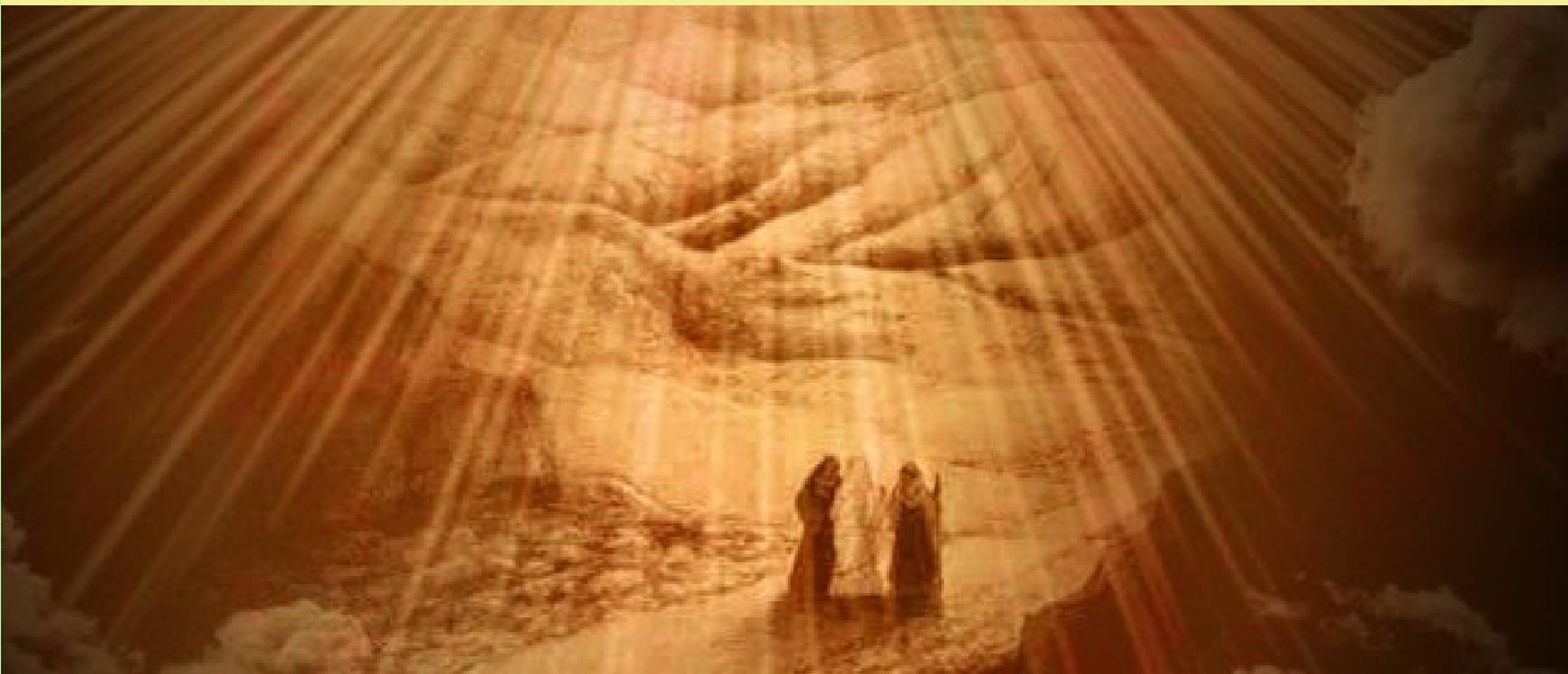


É também este o momento central para todos e todas que trabalhamos com a BÍBLIA junto ao povo



Olhando para a história, **o primeiro** aspecto importante é que A BÍBLIA VEM EM SEGUNDO LUGAR.

JESUS NÃO COMEÇA PELAS ESCRITURAS. Começa pela escuta, a escuta da realidade dos discípulos, descrita da maneira como eles a entendem.



O **segundo** aspecto importante é que as Escrituras representam a história dos discípulos. Jesus lhes fala de acontecimentos da história do povo, ao qual aquele casal pertence.

Jesus não utiliza um texto religioso como muitas vezes entendemos a Bíblia hoje. Mas neste caso, Jesus faz uso de Bíblia e História, para tentar ajudar os discípulos a ver.

Em **terceiro** lugar, Jesus não faz uso de um texto das Escrituras. Começa por Moisés e discorre por todos os profetas



Um **quarto** aspecto tem a ver com a maneira com que Jesus interpreta as Escrituras. Faz uma leitura cristológica do Antigo Testamento.

São muitos aspectos. E aspectos centrais na narrativa. Aspectos centrais também para nossa prática de leitura popular da Bíblia.

Não adianta nada querer ler a Bíblia pela Bíblia. Conhecer apenas a Bíblia, seu conteúdo suas histórias, seus poemas suas leis, seus discursos e tudo mais pode até ser muito interessante e bonito.

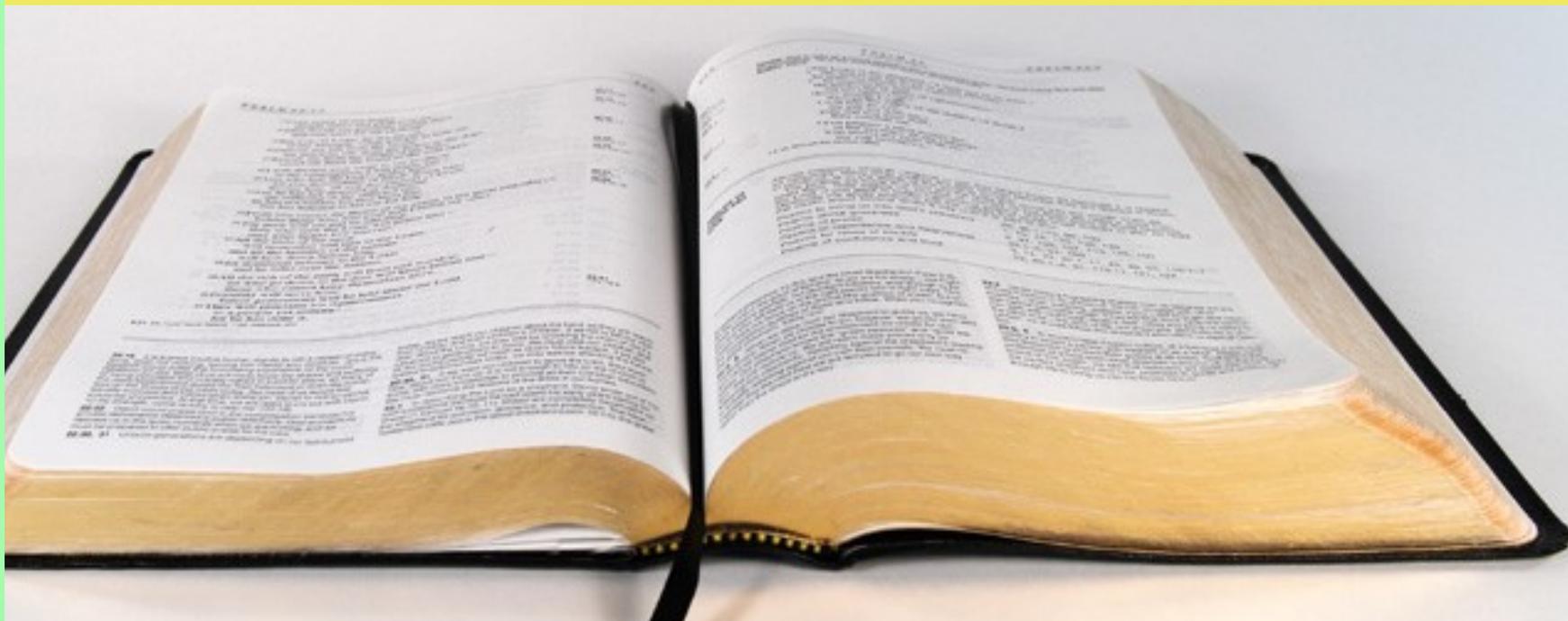


Mas não irá passar daquilo que chamamos de “cultura bíblica”. Ou seja, pode-se ler a Bíblia e deliciar-se com muitas de suas páginas, assim como quando se vai a um concerto, a um show, a um cinema.

É bonito, mas depois passa. É interessante, mas não muda nada. A vida continua a mesma.

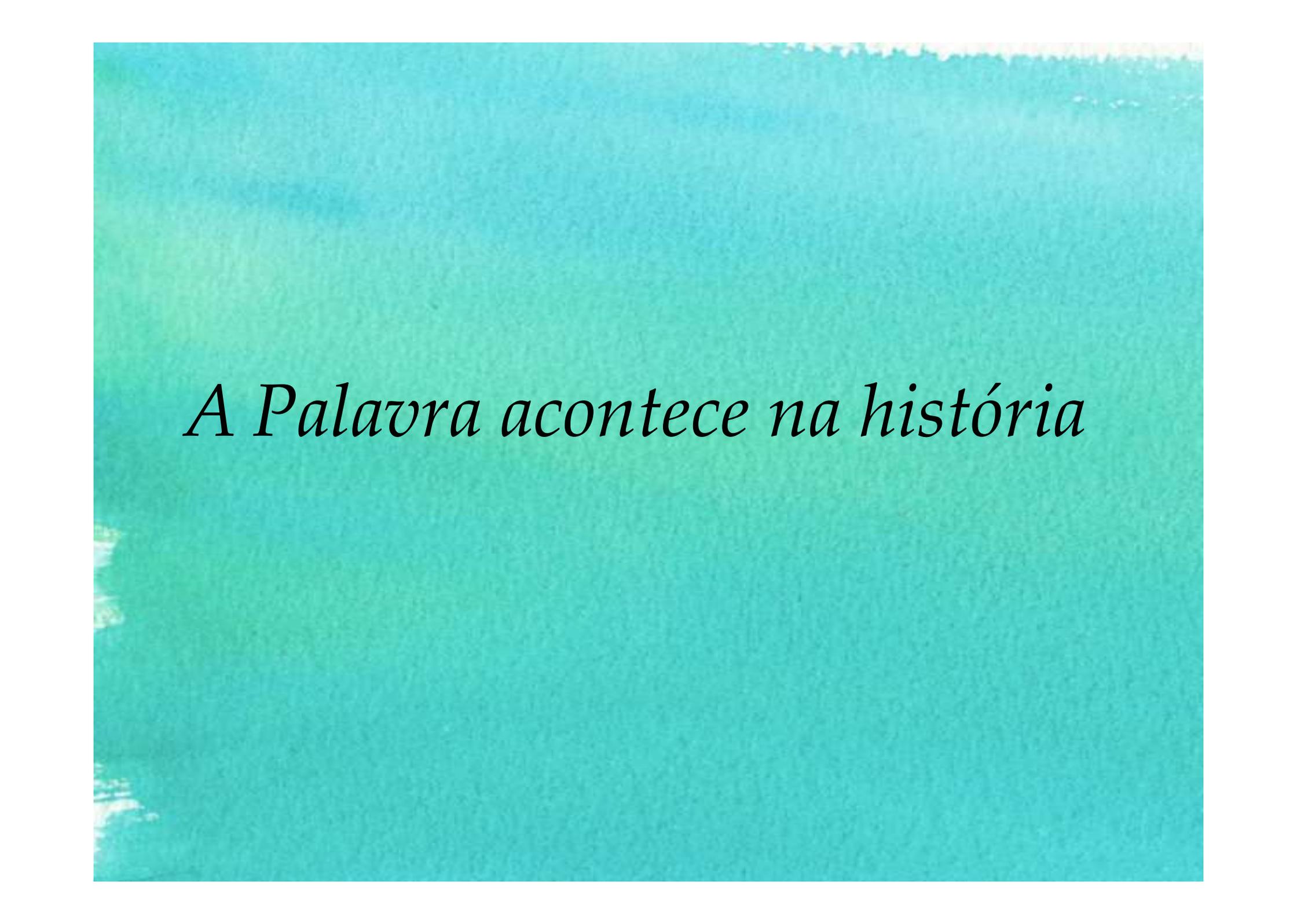
Mas se Deus quer uma vida melhor para as pessoas, então a Bíblia precisa falar para dentro desta vida. E aí é preciso conhecê-la, antes de ler qualquer texto.

Da vida se vai para a Bíblia; busca-se ali a Palavra que melhor ilumine nossa situação de vida; e então volta-se à vida, para transformá-la.



Por isso, um agente de pastoral, ao trabalhar com a Bíblia junto ao povo, sempre tem que ter em mente duas coisas:

1. Precisa aprender a escutar profundamente a realidade das pessoas com quem trabalha;
2. Precisa conhecer muito bem a Bíblia, a fim de encontrar nela as passagens que melhor possam ajudar a enfrentar a realidade.



A Palavra acontece na história

Alguém poderia agora dizer: *“Mas se a realidade determina a escolha do texto, se a realidade vem primeiro e a Bíblia somente em segundo lugar, então não se está levando a Palavra de Deus a sério”*.



Ora, a Palavra de Deus contida na Bíblia é sempre Palavra falada para dentro da História do seu povo.

Também na História do Povo de Deus, a Palavra aconteceu para dentro da realidade vivida por aquele povo.

A Bíblia não veio antes da História. Veio junto com ela. Aconteceu na medida em que a História acontecia.

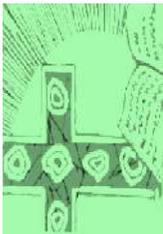
E, se Deus ouviu o clamor de seu povo, é porque o povo escravizado gritou primeiro. A Palavra aconteceu junto com o grito.



Assim que os hebreus gritaram, Deus ouviu, viu, conheceu, desceu, e, então, a Palavra libertadora aconteceu.

É preciso, pois, ouvir o grito, mesmo o grito trancado na garganta, e que não consegue sair. Sem grito, a Palavra não fala, os ouvidos não ouvem, os olhos não se abrem.

*A PRÁTICA ABRE OS OLHOS, a
teoria só esquenta o coração
Lc 24,28-31a*



*“E disseram um ao outro: Porventura não nos ardia o coração, quando ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?”
(Lc 24,32)*

A situação é crítica. Depois de toda a exposição das Escrituras, que não deve ter sido curta, o casal de discípulos ainda não entendeu.

Seus olhos continuam fechados. **Ainda não o reconheceram**

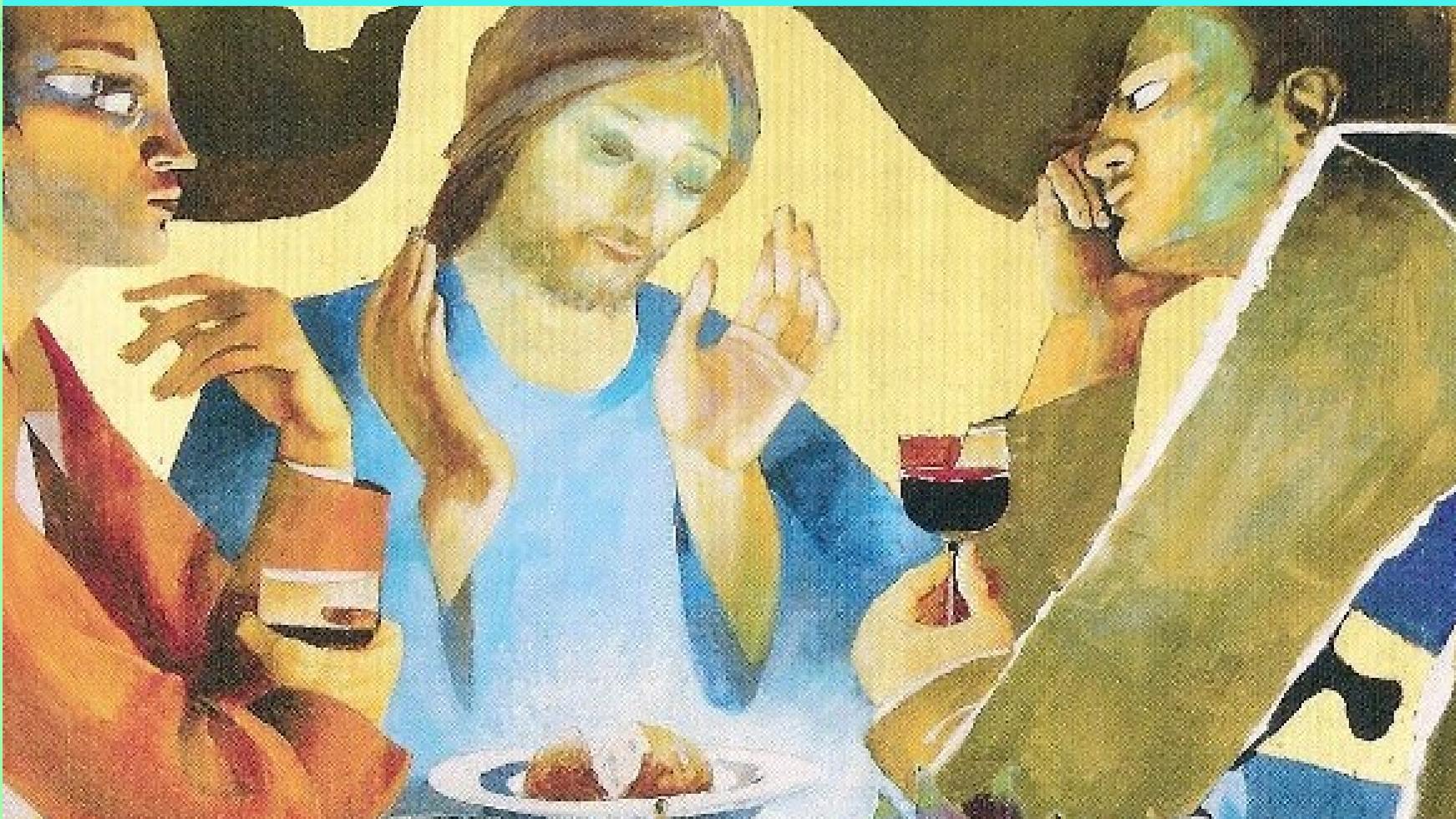
E agora o caminho chega ao seu final. Emaús é logo adiante. O que fazer?, deve ter se perguntado Jesus.



Seguir adiante? Ficar? A primeira parece ser a única alternativa viável. A segunda seria forçar a barra.

Por sorte eles o convidam. **FICA CONOSCO JÁ É TARDE.**

Se os discípulos não tivessem convidado Jesus, na certa estariam lá em Emaús, sem que seus olhos se abrissem, sem que o tivessem reconhecido.



E nada teria mudado. Medo, tristeza e falta de esperança continuariam a impedi-los de encarar o futuro. E o projeto de Jesus teria morrido na cruz.

E Jesus? Para ele só haveria uma alternativa possível: seguir adiante. Teria perdido a oportunidade de ajudá-los a abrir os olhos. Para aquele momento suas possibilidades estavam esgotadas.

Há momentos assim na caminhada popular. Tenta-se de tudo, sem qualquer resultado. Esgotam-se todas as possibilidades.



Não há o que fazer, a não ser seguir adiante. E esperar que surja outra oportunidade para recomeçar.

Contudo, Jesus leva sorte. Eles o convidam. Ele aceita o convite. A nova chance se dá mais cedo do que se poderia imaginar. E aí, sim, sentados à mesa no partir do pão, eles o reconhecem.

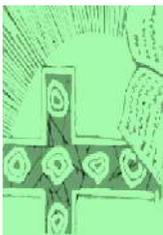


A Bíblia por si só não convenceu. Não levou a abrir os olhos.

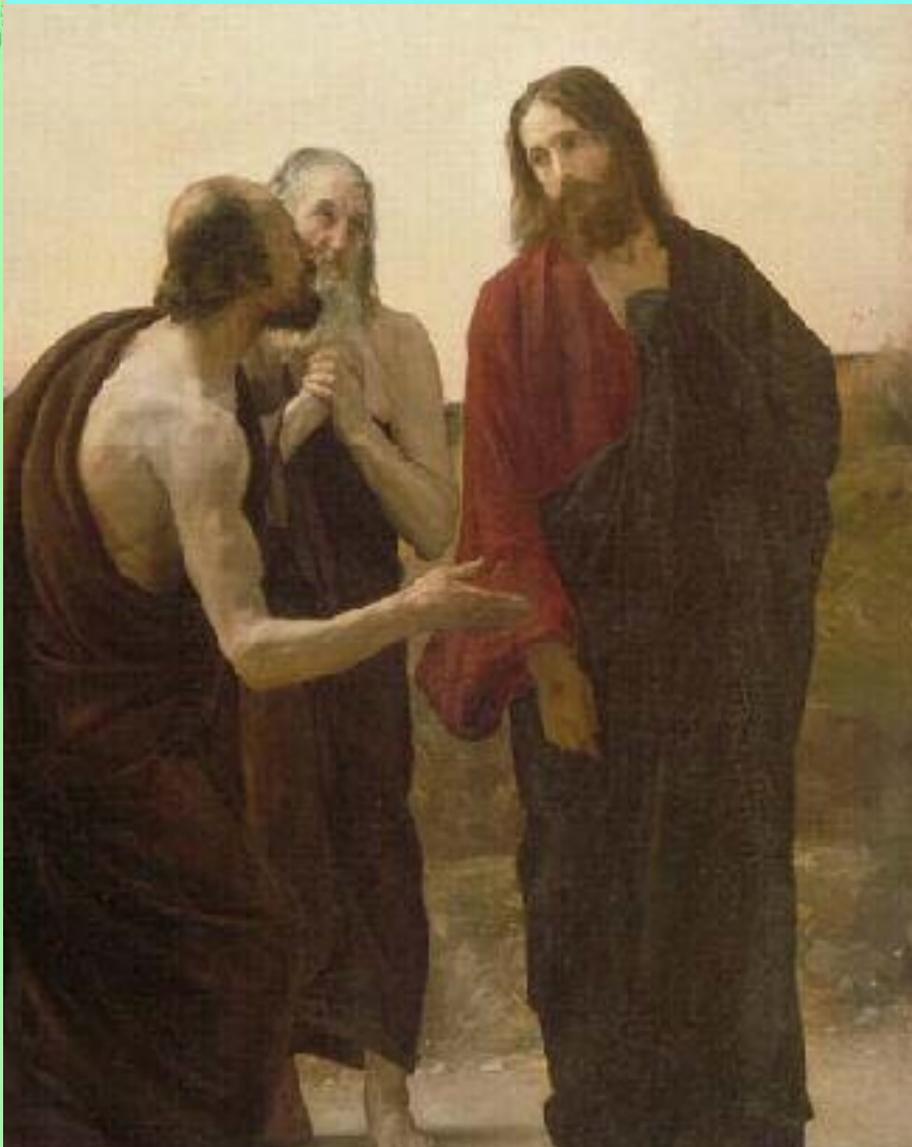
Jesus fez tudo certo. Aproximou-se daquele casal, caminhou com ele, escutou o que falavam, perguntou, deixou-os expor sua maneira de compreender a realidade, e só então fez uso da Bíblia.



Um caminho metodologicamente perfeito. Não queimou etapas. Fez cada coisa no momento certo.



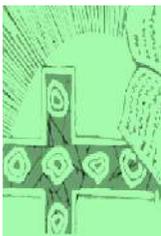
E mesmo assim não alcançou seu objetivo. Se a sua intenção era levá-los a abrir os olhos e reconhecê-lo, seus esforços redundaram em fracasso.



Chegando em Emaús, os discípulos continuam na mesma.

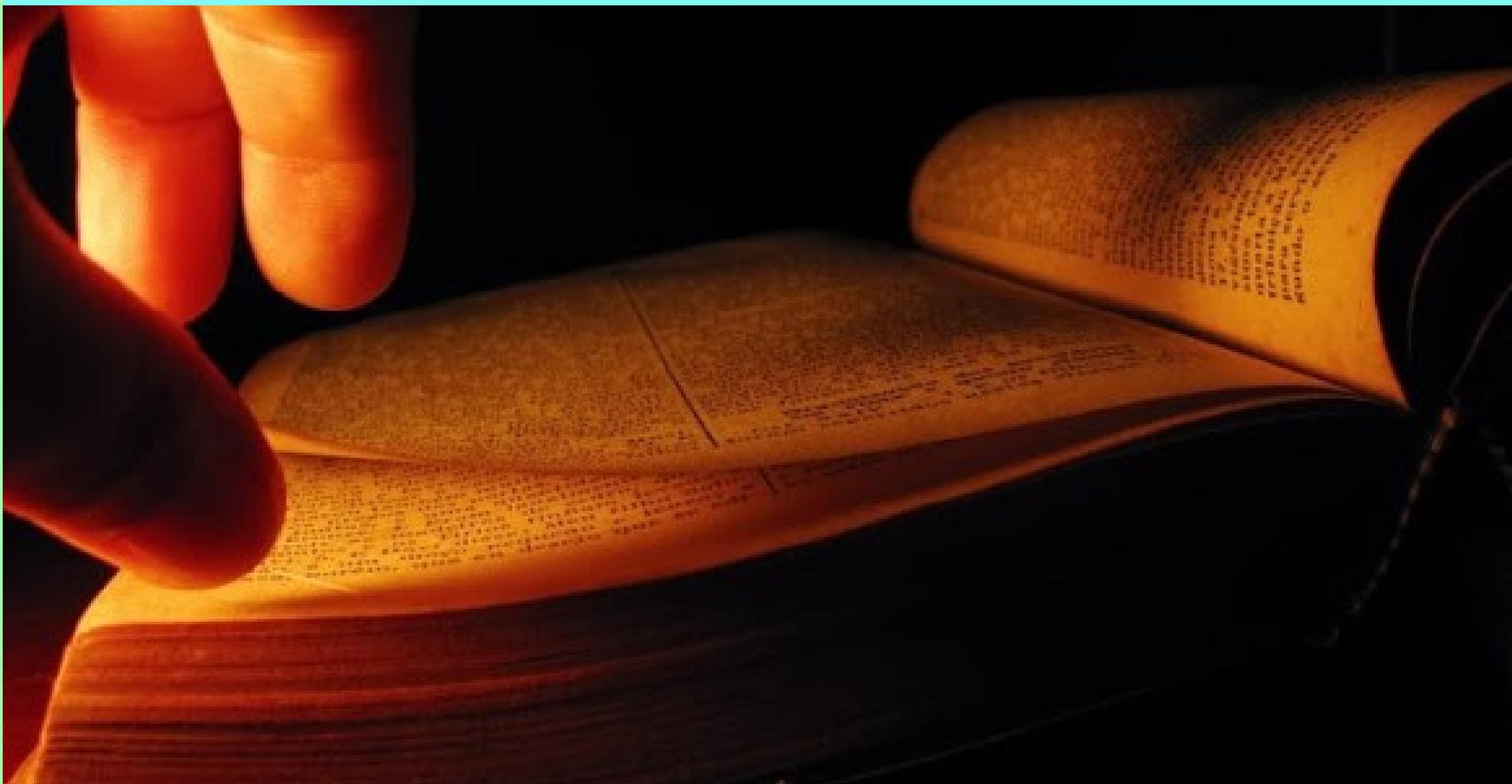
O que é que saiu errado?

Por mais doloroso que seja, por mais sofrido que pareça, temos que reconhecer: o estudo da Bíblia por si só, não leva a abrir os olhos.



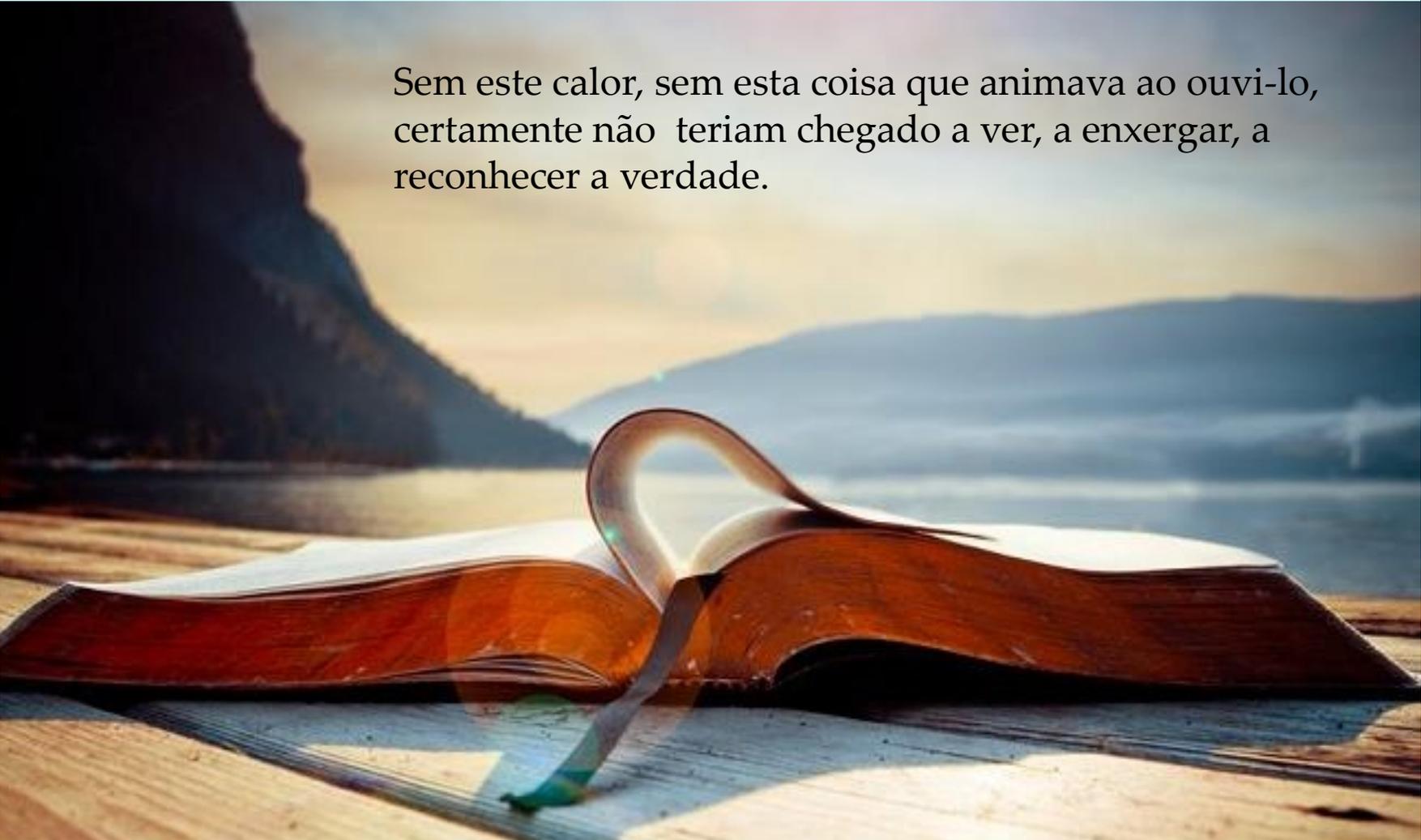
É claro, a Bíblia é importante. Aliás, é fundamental no conjunto do processo de transformação da realidade.

- ✓ É ela que nos dá força,
- ✓ é ela que nos dá coragem,
- ✓ é ela que indica o caminho,
- ✓ é ela quem nos dá esperança.



Mas, por si só ela não basta. O que ela consegue é fazer o coração arder. É o que diz o casal de Emaús.

Quando os discípulos ouviam Jesus explicar as Escrituras, no seu coração havia algo de bom, alguma coisa que animava, que consolava, que dava um calor por dentro, como pronunciar uma novidade alentadora.



Sem este calor, sem esta coisa que animava ao ouvi-lo, certamente não teriam chegado a ver, a enxergar, a reconhecer a verdade.

Mas só este calor não era suficiente. E, com certeza, o mais gostoso calorzinho que se possa sentir por dentro acaba por esfriar novamente. E tudo volta ao normal. Tudo fica como antes.

Sem dúvida...

- ✓ É bom saber que Deus ama os oprimidos
- ✓ É bom saber que ele se solidariza com os pobres
- ✓ É alentador saber que Deus é contra a opressão
- ✓ que ouve os clamores do seu povo
- ✓ Que vê sua aflição
- ✓ Que conhece o seu sofrimento...



Se não descer para libertá-lo, se não tornar o seu amor e a sua solidariedade em algo concreto, perceptível na história, tudo ficará apenas em palavras bonitas.

É preciso ir além. Ainda com o coração ardendo, é preciso experimentar a verdade.



O que acontece com o casal de Emaús é que experimenta a verdade. Já a ouviu na longa exposição de Jesus. O ouvir não foi suficiente.

O coração ardeu, mas os olhos não se abriram.
Abrem-se no partir do pão. No gesto concreto de Jesus, na sua ação, na sua prática eles o reconhecem.

É estranho no relato, que seja Jesus quem toma o pão, abençoa, o parte e o dá a eles. Afinal, estão na casa dos discípulos de Emaús, sentados em torno de sua mesa.



O normal, ao menos pelos nossos costumes, seria que os anfitriões fizessem isto, e não o hóspede.

Quer dizer que cada qual trouxe o que tinha para comer. Também Jesus teria tido pão na sacola, e agora o colocaria em comum.

Um gesto fraterno, típico de Jesus, coerente com a sua pregação.

A PRÁTICA QUE ABRE OS OLHOS

O que aprendo da história é que a teoria só não basta, ou seja, não basta conhecer a Palavra de Deus. É **PRECISO PRATICÁ-LA**. Só ler e estudar a Bíblia não é suficiente.



É importante, sim, para animar, encorajar, estimular. Mas a animação a coragem e o estímulo precisam ser experimentados na prática.

Pois é a prática que abre os olhos; a teoria só esquento o coração. Como diria Jesus: “Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as **pratica**, será comparado a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha”.

Mt 5,24; Lc 6,47-48

A coragem de desaparecer
Lc 24,31b



E sempre este o momento da história de Emaús que mais impressiona.

Depois que aquele casal o reconhece, depois que seus olhos se abrem, Jesus desaparece.

É incrível! O que estava em jogo durante toda a caminhada era que os discípulos o reconhecessem.

Mas os olhos dos discípulos estão impedidos de o reconhecer. A tristeza, o medo, a ausência de esperança lhes fecham os olhos.



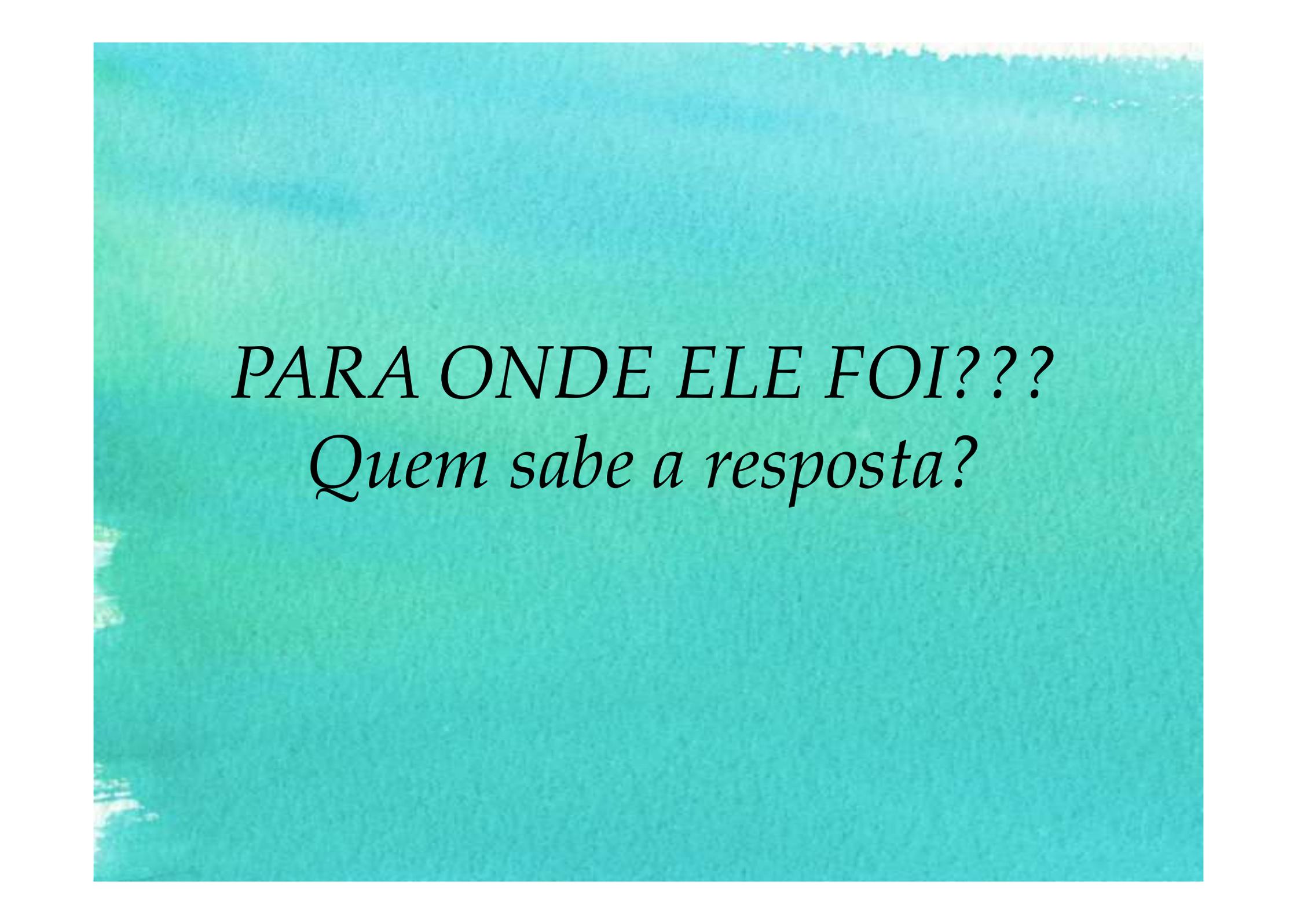
Mas, finalmente quando seus olhos se abrem, ele desaparece! Não fica para partilhar sua alegria. Não curte o sucesso de seus esforços. Não fica para ajudá-los mais um pouco.

JESUS DESAPARECE. E pode desaparecer, porque se tornou desnecessário. Seu objetivo foi atingido. Os discípulos sabem agora que a História não acabou.



Vão voltar a Jerusalém, de onde fugiram apavorados. E vão voltar para retomar o movimento de Jesus, ali onde ele parecia haver parado.

ESTÃO PRONTOS PARA CAMINHAR COM SEUS PRÓPRIOS PÉS
Jo 16,7; 14,12



PARA ONDE ELE FOI???
Quem sabe a resposta?



De fato, ele foi para dentro deles, pois são eles que vão assumir agora a missão que Jesus deixou. Vão voltar para Jerusalém para continuar a História.



Melhor, vão tomar a História nas próprias mãos. Vão fazer História. E vão começar a fazê-la abrindo os olhos de outras pessoas, levando outras pessoas a ver a esperança que neles se acendeu.

Vão caminhar o caminho de Emaús, como Jesus, partindo de onde as pessoas estão, compreendendo a realidade como as pessoas a entendem, utilizando as Escrituras para ajudá-las a transformá-la.



Os discípulos caminham agora com os próprios pés. Tem a orientação recebida em sua história com Jesus. Basta segui-la.

Jesus mesmo, com a sua presença física constante, não é mais necessário. A memória que deixou, e que está dentro deles, será suficiente.

A CORAGEM DE DESAPARECER

Nossa tarefa não é mais do que isso:

- ✓ ajudar a desbloquear o caminho do Espírito
- ✓ Dar acesso à Palavra
- ✓ Dar a luz da Bíblia
- ✓ Dar a coragem da oração
- ✓ E a força da comunidade

O resto a própria comunidade o fará. A reflexão (o fazer teoria), e o caminho da ação (a prática), pertencem a própria comunidade, pertencem ao próprio povo.

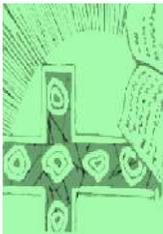
É preciso ter a coragem de desaparecer. Como Jesus, precisamos ter a coragem de entregar o processo nas mãos das comunidades, nas mãos do povo.

Se queremos educar para a liberdade, temos que entregar a História nas mãos dos libertos. Temos que permitir que assumam seu papel de sujeitos históricos.



E só o permitiremos se tivermos a coragem de desaparecer.

O OBJETIVO ÚLTIMO
Formar sujeitos históricos
Lc 24, 33-35



Eles o reconheceram no partir do pão. Ele desapareceu diante dos seus olhos. Eles constataram que seus corações ardiam, já antes, quando lhes expunha as Escrituras...



Agora, na mesma hora, levantam-se e voltam para Jerusalém.



E voltam a Jerusalém com um ânimo totalmente diferente do que quando saíram de lá.

TREVAS POR FORA, LUZ POR DENTRO

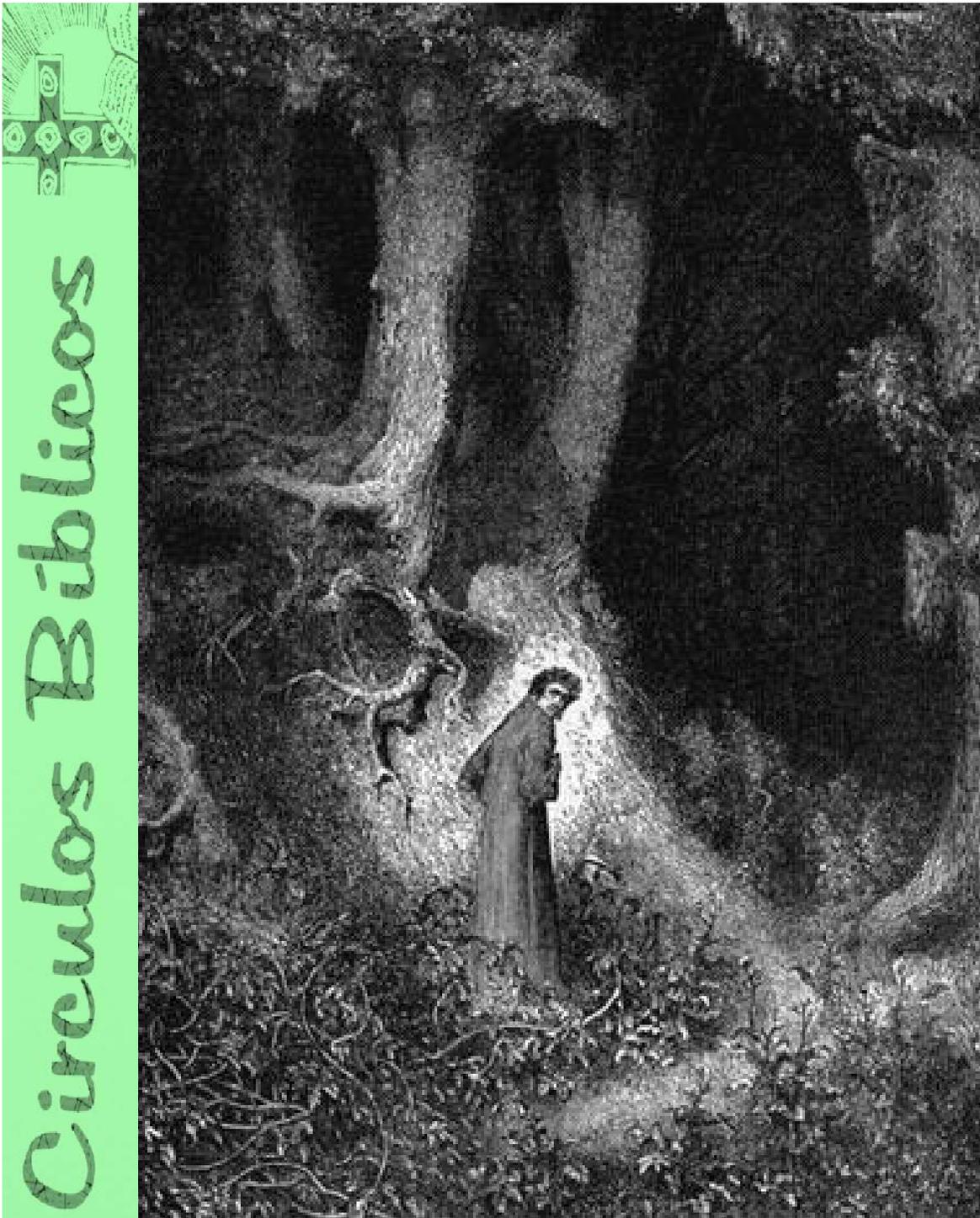


Em vez de tristeza, alegria. Em vez de desespero, esperança. Se antes não viam mais perspectivas para o futuro este agora se descortina cheio de luz no horizonte.

No início, tudo ocorre em pleno dia. O sol ilumina o mundo. A luz permite ver tudo o que está ao redor dos discípulos. E mesmo assim não conseguem reconhecer Jesus.

Agora o dia já declinou. Já é noite. Já não está mais diante deles. E mesmo assim eles o veem. Sabem que ele está com eles, dentro deles.

RECONHECERAM-NO NO PARTIR DO PÃO.



Quando era dia, fugiam. Deixava a Jerusalém que os assustava, e iam buscar refugio na pacata e desconhecida vila de Emaús.

Agora, quando é noite, voltam para a Jerusalém que já não os assusta. Deixam o refugio, do qual não mais precisam.

Vão enfrentar a realidade que os oprimia.

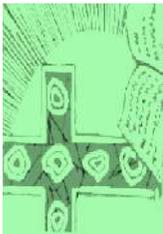


Antes havia luz por fora, mas por dentro deles tudo estava escuro. Agora tudo está escuro por fora. As trevas da noite não permitem enxergar muito bem o caminho.



Mas eles o enxergam,
porque dentro deles
tudo está claro.

A luz que vem de seu
interior vence as trevas
que o cercam.

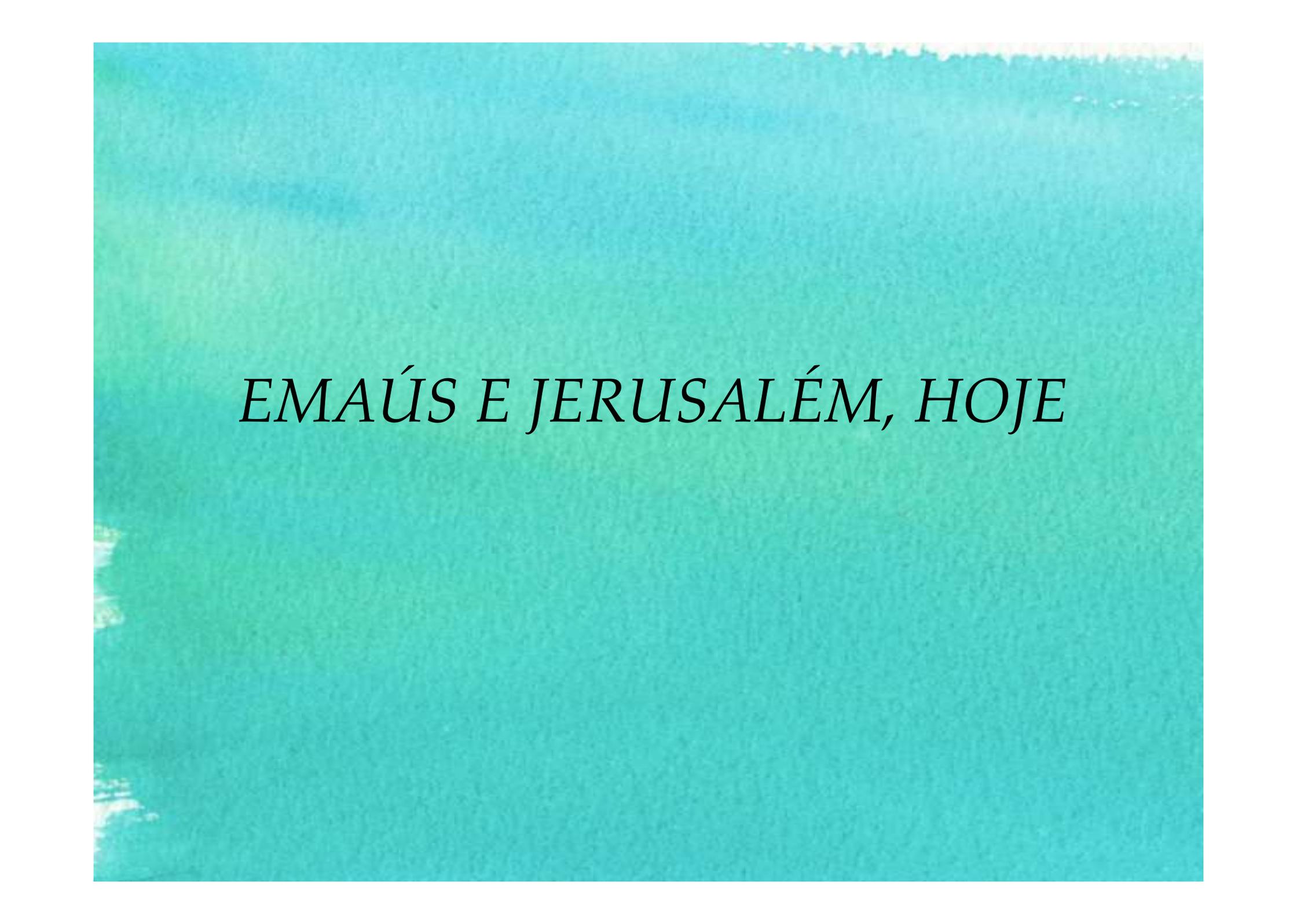


A cruz ainda está lá, os poderes ainda estão lá, a ideologia ainda está lá. Jerusalém continua tão perigosa quanto antes. Voltar para lá é correr riscos, é estar sujeitos a morrer.



Mas eles voltam. Ainda naquela mesma noite. Sem medo dos perigos da noite. Voltam naquela mesma noite e encontram muitos outros que também voltaram.

Estão todos unidos em Jerusalém. E a comunidade proclama: “o Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão!”

An aerial photograph of a vast, flat green field, likely a rural landscape. A thin line of trees is visible on the horizon. The text is centered in the middle of the image.

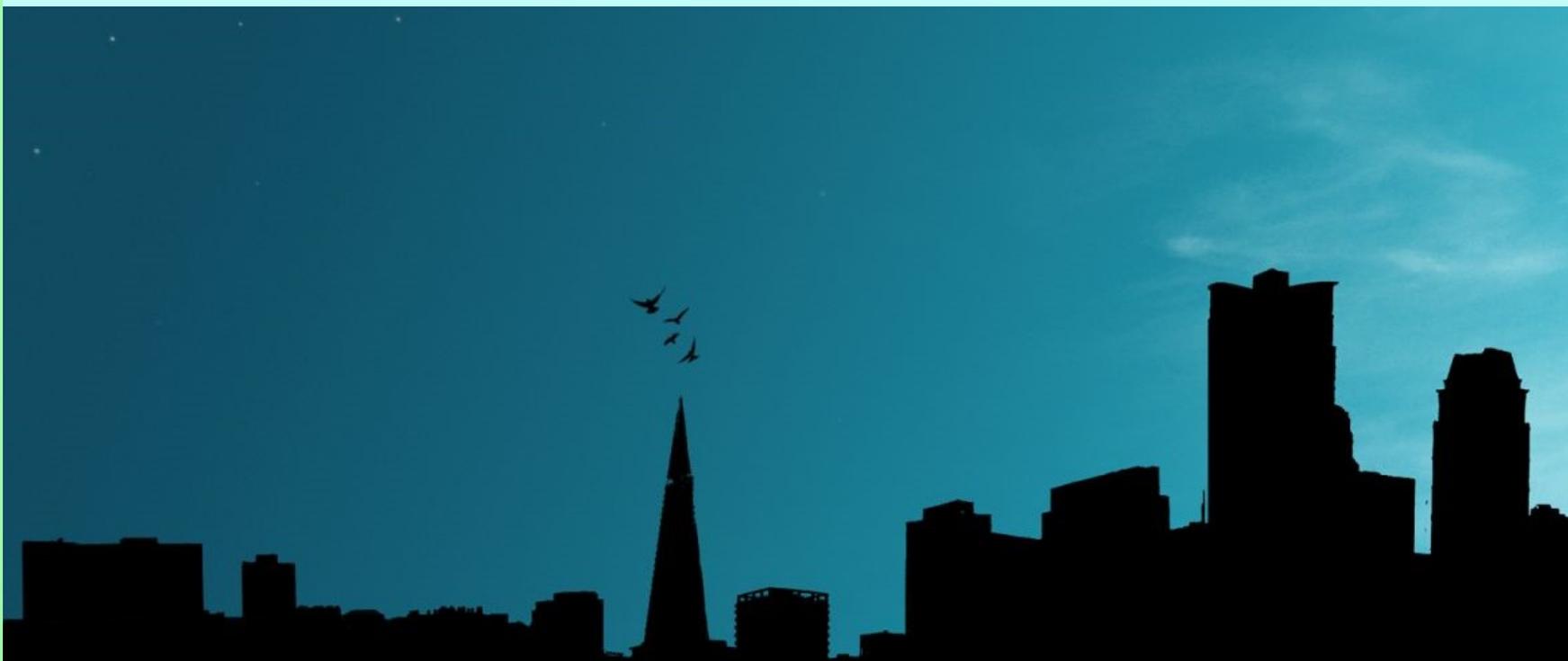
EMAÚS E JERUSALÉM, HOJE



Emaús e Jerusalém não correspondem a lugares geográficos quando pensamos em nossa situação, hoje. **Mais que lugares, representam posturas diante da realidade que nos cerca.**



Aí JERUSALÉM é o lugar mesmo em que estamos,
em que as pessoas estão.
É o lugar das cruzes,
dos sofrimentos,
das dores maiores e menores,
do dia-a-dia,
da estrutura e da conjuntura.



É o lugar que nos assusta, nos mete medo, nos faz ficar tristes, nos faz
perder a esperança. É o lugar que se precisa enfrentar.

EMAÚS é o lugar da fuga. É a maneira de dar as costas à realidade. É o fechar os olhos, o que impede de ver. É o lugar no qual a gente aparentemente se refugia, quando na verdade desiste, se entrega, desespera.

Emaús é aqui mesmo, quando deixo que a História passe e permito que ela desabe sobre mim. Aí outras pessoas decidem por mim, agem por mim, pensam por mim.

E, às vezes sem que eu queira, sem que eu saiba, me fazem objeto, me usam, me exploram, me oprimem, me tiram o direito de dizer minha palavra.

Caminhemos para JERUSALÉM e não para EMAÚS.

“E disseram um ao outro: Porventura não nos ardia o coração, quando ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?”
(Lc 24,32)